

A mulher da lama

*Joyce
Carol
Oates*

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



A mulher da lama
Foyce Carol Oates



A mulher da lama

Foyce Carol Oates

Traduzido do inglês por
Maria João Delgado

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



A mulher da lama
Joyce Carol Oates

Título original: *Mudwoman*

Publicado em Portugal por
Sextante Editora
www.sextanteeditora.pt

© Publicado por acordo com Ecco, uma chancela de HarpperCollins Publishers
© 2012 by The Ontario Review
© Porto Editora, 2015

Design da capa: Blue Hub Design
Imagens de capa: Istockphoto.com

1.^a edição: novembro de 2015

Sextante Editora é uma chancela da
Porto Editora
Email: editorial@sextanteeditora.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 399677/15
ISBN 978-989-676-050-2



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

*Para Charlie Gross,
meu marido e
primeiro leitor*

O que é o homem? Uma bola de serpentes.

FRIEDRICH NIETZSCHE,
Also Sprach Zarathustra

Aqui, as mais frágeis folhas de mim e, contudo, as mais duráveis,
Aqui, sombreio e escondo os meus pensamentos, eu mesmo não os exponho
E, contudo, eles me expõem mais do que todos os meus outros poemas.

WALT WHITMAN,
«Here the Frailest Leaves of Me»

O tempo é uma maneira de evitar que tudo aconteça ao mesmo tempo.

ANDRE LITOVIK,
«The Evolving Universe: Origin, Age & Fate»

A Mulher da Lama

A Rapariga da Lama na Terra de Moriá

Abril, 1965

Tens de estar *preparada*, disse a mulher.

Preparada não era palavra que a criança entendesse. Na voz da mulher, *preparada* era uma palavra que tinha que ver com calma e sossego, como água a reluzir nos pântanos junto do Black Snake River que a criança pensaria serem as escamas de uma cobra gigante e que, uma vez muito perto da cobra, não se conseguiriam ver.

Porque esta era a terra de Moriá, como dizia a mulher. Aquele sítio onde elas tinham chegado de noite era a terra prometida onde estariam a salvo dos inimigos e onde ninguém as conhecia, ou nem sequer as tinha vislumbrado.

A mulher falava com uma voz de água calma, reluzente, parada e as palavras eram pronunciadas com um ritmo regular como se a oradora estivesse a traduzir palavra a palavra enquanto falava e as palavras que traduzia tivessem um formato esquisito, encaixando-se ao acaso na sua laringe: magoavam-na, mas a dor não lhe era estranha e aprendera a encontrar uma secreta felicidade na dor, demasiado fascinante para arriscar reconhecê-la.

Ele diz-nos para confiarmos Nele. Em tudo o que se faz, confiar Nele.

E do saco de pano onde, durante aqueles dias e noites pela estrada sinuosa em direção a norte de Star Lake, ela transportara tudo o que era preciso para as levar sãs e salvas à terra de Moriá, a mulher retirou uma tesoura grande.

*

No meio do seu sono exausto, a criança ouvira os gritos de corvos como tesouras a cortarem o ar no pântano, junto do Black Snake River.

No meio do sono, sentindo o cheiro salobro de águas paradas e de terra escura e rica e de coisas estragadas e podres na terra.

Um dia e uma noite pela estrada que ladeava o velho canal e mais um dia e essa noite que ainda não tinha acabado na orla do pântano.

Confia Nele. Isto está nas Suas mãos.

E aquela voz da mulher, não a voz usual, rouca e tensa da mulher, mas uma voz de desapego e espanto perante algo que correu bem quando não se esperava, ou não se esperava assim tão cedo.

Se for errado fazer-se qualquer uma destas coisas, Ele manda um anjo do Senhor, como mandou a Abraão para este poupar o seu filho Isaac e também a Agar para que o filho dela recuperasse a vida no deserto de Bersebá.

Com aqueles dedos sapudos, estragados, que sangravam facilmente ao fim de três meses do sabão macaco, que era o único sabão disponível na prisão local, a mulher brandiu a grande tesoura de costureira, toda emporcalhada, para cortar o cabelo emaranhado da criança. E com aqueles dedos sapudos a puxarem o cabelo todo emaranhado e formando tufo peganhentos, aquele cabelo fininho e fulvo da criança, agora «nojento», «malcheiroso» e «pejado de piolhos».

Está quieta! Porta-te bem! Estás a ser *preparada* para o Senhor.

Pois os nossos inimigos ainda te roubam se não estiveres *preparada*.

Pois Deus guiou-nos até à terra de Moriá. Prometeu que, aqui, ninguém tirará a filha à mãe legítima.

E a tesoura gigantesca cortava, aparava e retinha alegremente. Percebia-se que a tesoura gigante sentia-se toda ufana por cortar o cabelo repelente que incomodaria Deus. A tesoura gigante aproximou-se provocadoramente das orelhas macias da rapariga e esta estremeceu, contorceu-se, queixou-se e chorou; e a mulher, como costumava fazer, teve de lhe dar um estalo, não muito forte, mas o suficiente para a acalmar; suficientemente forte para a criança ficar quieta tal como um coelhinho se imobiliza em pânico; e depois, quando os caracóis da criança jaziam em farripas tristes no chão enlameado, a mulher empunhou uma lâmina de barbear por cima

da cabeça da criança – uma lâmina bem presa nos dedos – e pôs-se a raspar os pelitos da cabeça dela e esta encolheu-se, choramingou mais alto e começou a debater-se – e, praguejando, a mulher deixou cair a lâmina, toda estragada e cheia de pelos e atirou-a fora com uma gargalhada rude de espanto como se, ao querer libertar a criança daquele cabelo sujo e emaranhado que era uma vergonha aos olhos de Deus, tivesse ido longe demais e se tivesse apercebido do seu erro.

Era muito feio ela ter praguejado:

– *Raios partam, meu Deus!*

Ter pronunciar o nome de Deus em vão:

– *Raios partam, meu Deus!*

É que na prisão de Herkimer a mulher tinha feito um voto de silêncio para provocar os inimigos dela e tinha feito um voto de obediência a Deus e, nas semanas seguintes a ser libertada e até então, não tinha quebrado esse voto.

Nem sequer no Tribunal de Família de Herkimer. Nem sequer quando o juiz lhe disse com severidade para dizer se era *culpada*, ou *inocente*.

Nem sequer quando a ameaça foi as crianças serem-lhe retiradas à força. As crianças – as irmãs – uma com três e a outra com cinco – ficariam à guarda do estado e seriam colocadas numa família de acolhimento e nem sequer aí a mulher falou, pois Deus deu-lhe forças para enfrentar os seus inimigos.

Portanto, a mulher tirou uma tesoura mais pequena da saca de pano para cortar as unhas da criança, tão rentes que a carne macia por baixo delas começou a sangrar. Embora a criança estivesse assustada, lá conseguiu ficar quieta, apenas com um ligeiro tremor tal como o coelhinho se mantém quieto na esperança desesperada que todas as criaturas sentem, a esperança que temos mesmo que tudo indique o contrário, de que o terrível perigo passe.

Porque, não seria aquilo uma *brincadeira*? Aquilo a que o homem de cabelo espetado chamava *brincadeira*? O que a mulher não soube foi daquela pequena tarte de cereja – a tarte de cereja doce embrulhada em papel encerado suficientemente pequeno para caber na palma da mão do homem de cabelo espetado – tão deliciosa que a criança a devorou ávida e rapidamente antes que alguém a quisesse

partilhar. Houve um *splash-splash*, o banho dado à criança na banheira de pés de leão, enquanto a mulher dormia no quarto ao lado, em cima do colchão no soalho, com as pernas e os braços esticados como se tivesse caído de costas lá do alto, a gemer enquanto dormia e acordando com um ataque de tosse como se estivesse a deitar cá para fora as tripas. Dando banho à criança que há muitos dias não tomava banho e com o banho veio a *brincadeira das cócegas*. Com mil cuidados! – como se ela fosse uma frágil boneca de porcelana e não uma boneca de borracha resistente como a Dolly, que anda de um lado para o outro, se deixa cair no chão e se afasta com um pontapé quando no nosso caminho – e tão silenciosamente! – o homem de cabelo espetado levou a criança para a casa de banho e para a banheira de pés de leão que tinha o tamanho de um bebedouro para os animais e na casa de banho com a porta fechada – à força – pois a porta estava empenada e o fecho não prendia – o homem do cabelo espetado despiu o pijama sujo da criança e colocou-a – mais uma vez com mil cuidados! – o indicador nos lábios mostrando que tinham de fazer aquilo com muito cuidado e silenciosamente – dentro da banheira – na água que corria da torneira toda ferrugenta e estava só morna e com poucas bolhas de sabão, a não ser quando o homem do cabelo espetado esfregou bem as mãos no sabonete bem cheiroso e ensaboou o corpito pálido e arrepiado da criança como se fosse algo macio arrancado da sua concha que incluía a *brincadeira das cócegas* – a *secreta brincadeira das cócegas* e no meio dos salpicos a água não tardou a arrefecer e teve de ser reforçada com água da torneira – mas a torneira fazia um som roufenho como que a protestar e o homem do cabelo espetado pressionou os lábios tipo palhaço com o indicador e levantou as sobrancelhas para fazer rir a criança – ou caso não risse fazer com que deixasse de se contorcer, de se debater – é que a *brincadeira das cócegas* era *demais!* – o homem de cabelo espetado deu uma risada abafada e logo a seguir adormeceu de boca aberta como se tivesse perdido de repente a energia que o atravessara qual eletricidade, e a criança esperou até o homem de cabelo espetado desatar a ressonar meio sentado meio deitado no chão inundado da casa de banho encostado à parede e com gotinhas de água a reluzir nos seus pelos densos e ásperos cor de aço no peito e nas pregas flácidas da barriga e do baixo ventre e quando

finalmente no fim da tarde o homem de cabelo espetado acordou – e quando a mulher espapaçada em cima do colchão no quarto ao lado acordou – a criança já tinha saído da banheira nua e a tremer e com a pele franzida e branca como a pele de uma galinha depenada, e a mulher e o homem de cabelo espetado procuraram-na durante muito tempo até a descobrirem agarrada à sua feia boneca de borraça de cabeça rapada enrolada como um verme apanhado numa teia de aranha ou numa bola de algodão atrás das escadas da cave.

Brincar às escondidas! Brincar às escondidas e o homem do cabelo espetado é que tinha de a apanhar!

Pois o que é que os adultos faziam a não ser *brincar* e variantes de *brincadeiras*? A criança apercebeu-se de que as *brincadeiras* tinham um fim, ao contrário de outras ações que eram *não-brincadeiras* e não podiam acabar mas que se estendiam indefinidamente como uma estrada ou um caminho de ferro ou o rio a correr debaixo das tábuas meio soltas da ponte perto da casa onde ela e a mulher tinham vivido com o homem do cabelo espetado antes da *complicação*.

Isto não te magoa! Com esse alarde todo ainda ofendes Nosso Senhor.

A voz da mulher já não estava calma mas antes rouca como se algo se tivesse quebrado e fosse penoso de ouvir. E os dedos da mulher na criança estavam agora mais pesados e as unhas, partidas e cheias de arestas, aguçadas como as de um gato a espetar-se na carne da criança.

O couro cabeludo, tenrinho, da criança estava a sangrar. Só lhe restavam uns pelitos. No meio dos tufo pegajosos mal cortados e meio rapados viam-se uns piolhitos frenéticos. Por essa altura, já as roupas sujas da criança lhe tinham sido tiradas, embrulhadas tipo trouxa e lançadas fora. Era uma cabana de papel revestido a piche que a mulher encontrara no matagal entre a estrada e o carreiro à beira rio. O sinal de Deus que a guiara até àquele local abandonado tinha sido uma cruz gasta pelo tempo e tombada à beira da estrada, que era afinal um marco de quilometragem tão apagado que nem se conseguiam ver as letras nem os números mas a mulher tinha visto MORIÁ.

Naquele sítio imundo, onde tinham dormido embrulhadas no casaco amarrotado e manchado da mulher, não havia hipótese de

dar banho à criança. Nem teria tempo para dar banho à criança pois Deus estava cada vez mais impaciente agora que chegara a manhã e era por isso que as mãos da mulher se agitavam e os lábios se mexiam numa prece. O céu estava a clarear como um grande olho a abrir e no céu que se via dali as nuvens adensavam-se como blocos de cimento.

A não ser na orla da floresta, no lado mais afastado do pântano, onde o sol se levantava.

A não ser se se olhasse com atenção e se percebesse que as nuvens de cimento estavam a desaparecer e o céu se enchia de nuvens esbatidas como veias num enorme coração translúcido – o acordar de Deus na nova alvorada na terra de Moriá.

No carro a mulher dissera *Eu saberei quando vir. Confio no Senhor.* A mulher disse *A não ser o Senhor, tudo acabou.*

A mulher não estava a falar com a criança, pois não costumava falar com a criança mesmo quando sozinhas. E quando estavam na presença de outros, a mulher deixara completamente de falar e os outros, que não conheciam anteriormente a mulher, tinham a impressão que ela era surda muda e que provavelmente já tinha nascido assim.

Na presença de outros, a mulher aprendera a encolher-se dentro da roupa que caía largueirona pois, aquando das suas gravidezes, ela envergonhara-se e temia os olhares de estranhos que a percorriam como raios X e tinha comprado roupa de homem para esconder o corpo – embora usasse à volta do pescoço, solta, pois doía-lhe normalmente a garganta e receava infeções de garganta, uma echarpe de um tecido brilhante e amarrotado que encontrara no lixo.

A criança estava nua dentro da camisa de noite de papel. Sangrava do couro cabeludo, rapado à lâmina, de uma dúzia de feridas minúsculas, a tremer e nua dentro da camisa de noite de papel, verde pálida, com uma inscrição desbotada HERKIMER CO. DETENTION, que tinha sido cortada com a tesoura gigante para reduzir o comprimento quando não a largura, para que a camisa de noite de papel chegasse pelo menos aos tornozelos escanzelados da criança.

Uma camisa de papel que tinha que ver com o departamento médico de Herkimer, anexo à prisão das mulheres.

No assento de trás do Plymouth enferrujado e barulhento que era o único património do homem de cabelo espetado vinha a boneca de borracha da criança. *Dolly* era o nome da boneca que tinha sido da irmã e agora era dela. A cara da *Dolly* estava suja e os olhos já não viam. A boca pequena da *Dolly* formava um biquinho no meio da triste carnadura de borracha. E a *Dolly* também estava quase careca, só com uns tufo de caracóis claros nos sítios onde tinham sido colados uns cabelos loiros no couro cabeludo de borracha.

Cento e poucos quilómetros a norte de Star Lake, tão afastado da mulher e da criança quanto a metade eclipsada da lua lá longe, o pântano sombrio atrás do rio.

As estradas de montanha eram tão cheias de curvas e contracurvas que uma viagem de apenas cento e poucos quilómetros demorara dias a fazer, pois a mulher tinha medo de conduzir o carro a chocalhar por todos os lados a mais de trinta à hora. E para ela também era urgente pois a sua obediência a Deus manifestava-se nessa lentidão e nessa determinação como quem só consegue ler de dedo a seguir as letras de cada palavra para as dizer em voz alta.

A criança não se agitava. Mas a mulher achava que, lá no fundo, a criança estava agitada, pois as duas crianças eram rebeldes. Não havia pente que entrasse naquele cabelo tão emaranhado.

Os gritos agudos e trocistas dos corvos injuriavam Deus.

Aos gritos trocistas exigindo saber tal como a juíza (de meia-idade) exigira saber o porquê daquelas crianças terem sido encontradas, imundas e quase nuas, a vasculhar um caixote de lixo atrás do Shop-Rite à procura de comida como cães abandonados ou criaturas selvagens encolhendo-se sob a luz de uma lanterna. E a irmã mais velha agarrando com toda a força a mão da mais nova.

E qual é a explicação da mãe; o que é que ela alega.

A mulher ali estava de pé, orgulhosa, de queixo erguido e olhos fechados perante a Meretriz de Babilónia, trajada de negro e com uma boca muito pintada e sobrancelhas depiladas como asas de inseto arqueadas. A mulher nada alegou e caiu de joelhos perante aquela visão meretrícia.

As crianças tinham-lhe sido retiradas e colocadas sob custódia temporária do estado. Mas a vontade de Deus era tão poderosa que

tudo aquilo que por direito pertencia à mulher lhe foi restituído a seu tempo.

Durante todas aquelas semanas, todos aqueles meses, a mulher nunca perdeu a fé de que tudo aquilo que lhe pertencia lhe seria restituído.

E agora, ao amanhecer, o céu a leste mudava constantemente, expandia-se. O céu cinzento, que é o mundo-despojados-de-Deus, estava a desvanecer-se. Quase se viam anjos de fúria naquelas nuvens que se separavam, reverberando nas tiras de água estagnada dos pântanos com tons de sangue aguado. A menos de oitocentos metros do Black Snake River, numa zona desolada da região nordeste de Beechum, no sopé das colinas de Adirondacks para onde a mão de Deus a tinha guiado. Ali estavam os restos de um moinho abandonado, uma estrada de terra e restos podres por entre ervas altas dos pântanos que tremulavam e sussurravam com o vento. Raízes expostas de árvores e troncos tombados e a apodrecer que mais lembravam caras retorcidas e aterradas de condenados. E como, ao longo da sua vida, a Rapariga da Lama haveria de guardar dentro de si aquela beleza desses locais abandonados! Pois adoramos especialmente os locais para onde fomos levados para morrer e não morremos. Não há cheiros mais intensos do que o cheiro pútrido dos pântanos onde a água salobra do rio escoia e é apanhada e parada pelas algas de um verde vivo da Crayola. Imensas e inacreditáveis áreas pantanosas por entre amentilhos, trombeteiras e resíduos espalhados de pneus velhos, botas, trapos, chapéus de chuva estragados e jornais podres, fogões abandonados, frigoríficos com as portas escancaradas como braços vazios. Ao ver um pequeno frigorífico tombado de lado no meio da lama a criança pensou *Ela vai meter-nos lá dentro*.

Mas havia ali algo que não estava bem e voltou a pensar para corrigir – *Ela meteu-nos lá dentro e fechou a porta*.

E então houve um frenesi de corvos, melros de asas vermelhas, estorninhos, como se a criança tivesse falado em voz alta e dito algo proibido.

A mulher gritou de punho levantado para os pássaros, Deus há-de amaldiçoar-vos!

Os gritos roucos e acusadores aumentaram. Apareceram mais pássaros de penas pretas, de asas abertas. Empoleiraram-se, todos

agressivos e a grasnar, nas árvores esqueléticas. A mulher desatou aos berros, praguejou e cuspiu e contudo os gritos continuaram e a criança soube então que os pássaros tinham vindo à procura *dela*.

Foi Satanás quem os mandou, disse a mulher.

Chegara a hora, disse a mulher. Um dia e uma noite e mais um dia e agora a noite passara à alvorada do novo dia e chegara a hora e portanto, apesar da gritaria dos pássaros, a mulher semi encaminhou, semi carregou a criança de camisa de noite de papel em direção ao moinho arruinado. A puxar de tal maneira a criança que quase lhe desarticulou o bracito magro do ombro.

A mulher passou o moinho que exalava um cheiro adocicado, rançoso e fermentado e entrou numa zona de tijolos partidos e madeira podre caída num solo escuro e lamacento entre ervas pontiagudas da altura de crianças. Na sua precipitação assustou uma grande cobra preta que dormia em cima das madeiras podres, mas a cobra recusou-se a fugir rapidamente e, em vez disso, moveu-se lenta e sinuosamente para longe como que desafiando a intrusa. A princípio a mulher parou – ficou a olhar – pois estava à espera que um anjo de Deus lhe aparecesse – mas a cobra preta, brilhante e sinuosa, não era um anjo de Deus e numa fúria de dor, desapontamento e determinação a mulher gritou, Satanás volta para o inferno de onde vieste, mas a cobra, num triunfo insolente, já tinha desaparecido no meio do matagal.

A criança tinha deixado de se lamuriar, pois a mulher fê-la calar. A criança descalça e nua dentro da camisa de noite verde pálida, enrugada e rasgada, com a impressão meio apagada HERKIMER CO. DETENTION. As pernas da criança muito finas e cheias de picadas de insetos e muitas delas a sangrar ou que há pouco sangravam. A cabeça da criança quase careca, com um pelo aqui e outro acolá e a sangrar, e os olhos azorados, sem perceberem nada. No fim de um carreiro que levava ao canal havia uma faixa de terra a brilhar com lama da cor de caca de menino e ligeiramente amarelada: e o cheiro era o cheiro a caca de menino pois havia ali muita coisa podre e morta. Uma ligeira neblina elevava-se do pântano qual sopro de coisas moribundas. A criança começou a chorar, desesperada. À medida que a mulher a puxava ao longo da faixa de terra, a criança começou a debater-se mas sem sucesso. A criança era

fraca, malnutrida e nunca conseguiria vencer a mulher pois esta era forte e a força de Deus atravessava-a como um raio ofuscante. A sua cara iluminava-se, nunca se sentira tão segura de si própria e tão determinada como agora, pois sabia que o anjo de Deus não lhe apareceria como tinha aparecido a Abraão e a Agar, que tinha dado à luz o filho de Abraão, e tinha sido expulsa por Abraão com a criança para morrerem à sede.

E aquela não era a primeira vez que o anjo de Deus lhe tinha sido negado. Mas seria a última vez.

Com uma gargalhada amarga a mulher disse: Toma, vim devolvê-la. Como me pediste, vim devolvê-la.

Primeiro a Dolly: a mulher arrancou a Dolly dos dedos da criança e atirou-a para a lama.

Toma! Aqui vai a primeira.

A mulher disse isto feliz e num tom duro. A boneca de borracha jazia, espantada, no meio da lama.

A seguir, a criança: a mulher pegou na criança para a empurrar da faixa de terra para a lama – a criança agarrou-se a ela e então ousou gritar: *Mamã! Mamã!* – a mulher soltou os dedos da criança e empurrou, arrastou, pontapeou a criança pelo declive até à lama brilhante e lisa lá em baixo, para junto da feia boneca de borracha e então a criança começou a agitar os seus bracitos nus, agora de borco e com a cara espantada enfiada na lama de maneira que o grito *Mamã* foi abafado e, lá em cima na margem, a mulher pôs-se à procura de algo – um ramo partido – para empurrar a criança, pois Deus Nosso Senhor é bom e não queria que a criança sofresse, mas a mulher não conseguiu chegar à criança e portanto, frustrada, lançou o ramo à criança pois tinha perdido toda a calma e estava agora ofegante, sem fôlego e quase a soluçar e, por essa altura, embora a feia boneca de borracha ainda se mantivesse no sítio onde tinha caído em cima da lama, a criança que se agitava estava a ser engolida pela lama, uma lama borbulhante e fria que havia de aquecer relutantemente com o sol, uma lama que enchia a boca da criança, que enchia os olhos da criança, os ouvidos da criança, até finalmente não haver ninguém na faixa de terra sobranceira ao pântano para a ver debater-se nem nenhum som a não ser os gritos dos corvos enraivecidos.